

## QUAL LETRA PARA UMA CRIANÇA

Algumas questões sobre o sujeito, o objeto e a letra na prática psicanalítica<sup>1</sup>

Sandra Pedreira

Emilio Rodrigué em um dos muitos trabalhos que apresentou aqui, no Espaço Moebius, disse que diferente dos filhotes das demais espécies, o bebê humano abre os olhos, e inventa o mundo.

Uma afirmação que apesar do fascínio que a beleza poética porta no dito, me põe a pensar no que quer dizer – no que pode me dizer sobre o que pratico.

Será mesmo assim?

Se por um lado eu acompanho Rodrigué, acompanhando Lacan, quando nos momentos finais do que pode articular teoricamente, afirmou que o sujeito, em sendo de linguagem e de sexo se produz em ato, no instante em que as três dimensões de Real, Simbólico e Imaginário se enodam borromeamente; a prática, e mais pontualmente a prática com a criança me faz pensar no tempo necessário para que essa enodação, tendo ocorrido, se faça suficiente. Suficiente para sustentar no nó ou na cadeia, esse sujeito que habita o corpo de uma criança.

Preciso dizer que gosto de usar da topologia sugerida por Lacan para acompanhar o que escuto na minha prática. Uma escolha que me facilita ouvir na transferência, o que o analisante fala, e me manter no lugar de analista, como objeto, viabilizando que continue a falar.

A topologia para mim é uma ferramenta, um instrumento de leitura, que me permite ver e mostrar, algo do que é impossível escutar. Porque em sendo da ordem do gozo, isso que move a fala do analisante - um saber não sabido, um discurso sem palavras, de letra, da ordem do Real, que tem o suporte de uma escritura.

O nó, ou a cadeia borromeana me serve como uma escritura do sujeito, no inconsciente que se produz em uma análise em intenção, no inconsciente que o sujeito inventa. Uma escritura do impossível de ser dito, mas do que é necessário ser ouvido, para que qualquer análise aconteça.

Por ser uma boa ferramenta, justamente por isso, ao mesmo tempo que viabiliza, ela também questiona o que se propõe a cernir.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Fórum de Psicanálise com Criança e Adolescente do Espaço Moebius, em 20/07/2021, sob o tema do ano: O Sujeito, o objeto e a letra na Psicanálise.

E são muitas as questões que me encharcam de querer saber mais e sempre. Serão, portanto, algumas dessas questões, e o que tenho conseguido articular até aqui como respostas, que me propus a trazer e compartilhar aqui.

Uma primeira questão diz respeito à posição do sujeito no nó. Apesar de descritivamente Lacan nos mostrar e afirmar que o sujeito goza em todos os campos de gozo escritos na cadeia, curiosamente ele não o escreve em nenhum lugar.

Toda a cadeia então é o seu hime? A sua casa? Na condição evanescente de função, ele habita todos os campos, todos os buracos, todas ou qualquer uma das intersecções? O que o faz passar de um campo para o outro? O que faz com que ele privilegie um campo de gozo ao outro? Como ultrapassa a borda de cada dimensão? O que lhe coloca um limite e lhe protege do efeito avassalador do Real? Como opera nesse sujeito em uma análise? Em princípio uma boa ferramenta topológica deveria me permitir mostrar tudo isso.

Na tentativa de responder a minha questão, em um primeiro momento achei que teria que recortar uma faixa de Moebius, no nó, para que o Sujeito se deslocasse entre seus vários campos, presentificados na transferência. Durante algum tempo trabalhei com essa ideia, mas a cadeia escrita planificada não me permitia isso.

Em um segundo momento, Aurelio Souza<sup>2</sup> acenou com uma solução encontrada nas transcrições dos seminários promovidos por Jacques Lacan a partir de 1973/74 (Les non-dupes errant) quando Lacan reforça que o “A toma a forma de a”. Em forma de a, de objeto a, o Sujeito estaria logicamente inscrito no centro do nó. Mas ainda assim me custava trabalhar com os efeitos das três dimensões de Real, Simbólico e Imaginário, no sujeito. Me perguntava como isso ocorreria, se este se encontrava retido no buraco central, no coração da cadeia.

Pensar nas propostas de sombras e torções dos nós escritos com cordas, talvez fosse uma resposta. Foi um tempo de um certo apaziguamento para a utilização da cadeia borromeana como uma leitura para o que ocorria na prática da análise sob transferência e o efeito disso no sujeito. Para acompanhar como o sujeito enodado nessa condição de ek-sistencia, causado por um objeto que produzia um saber não sabido, da ordem do Real, buscava preencher uma falta, um buraco causado pelas palavras, pelo Simbólico, teria que imaginarizar, buscar uma consistência para essa falta. Transposto a uma hiper dimensão, passava de um lugar de gozo para o outro, gozando, se fazendo gozar.

Mas algo ainda faltava. Porque trabalhar com a cadeia borromeana planificada, ou com cordas, usando de alguns desses recorridos topológicos, poderia atender a leitura transferencial de uma análise em intenção; mas a prática me convocava a ir além. A dar conta do analisante. Este que demanda uma análise, que encarnando um sujeito, ama, se faz amar, odeia e se faz odiar, sofre, faz sofrer, se equivoca, vive sua vida e busca na análise um melhor sentido para ela. E no que consigo acompanhar dessa proposta de

---

<sup>2</sup> Em diversas aulas do seminário sobre “A Psicanálise e a Topologia da Cadeia Borromeana “ promovido anualmente pelo Espaço Moebius, com frequência semanal, coordenado por Aurélio Souza .

Lacan, as dimensões da cadeia planificada ou com cordas, não se mostravam suficientes para acompanhar o analisante.

Avançando com o uso dessa ferramenta e na tentativa de singularizar a cadeia, Lacan sugere um quarto nó.

No seminário seguinte ao RSI, seminário dedicado a Joyce (1975-1976, Le Sinthome), trabalhando com a ideia do sinthome, nomeia esse quarto nó de Nome do Pai, cuja função, seria de dar nome, de nomear, e com isto, eu leio assim, permitir um uso mais plástico, mas não menos rigoroso da cadeia, ou seja, recortar, torcer, expandir, projetar... sem desfazer-na na sua escritura mínima, (no coração do nó). Esse acréscimo enriqueceu a cadeia borromeana permitindo-lhe na sua escritura, a leitura do movimento determinado pelo tempo. Mas ainda, a escritura planificada ou com cordas, não atendiam de forma suficiente a mostraçãõ necessária do espaço, dimensão imprescindível para dar campo ao corpo.

E o passo seguinte foi dar corpo ao nó. Elemento fundamental para dar conta do gozo, esse que no final, é sempre, insistia Lacan, um gozo no corpo. E a resposta foi retomar o nó mergulhado no espaço, para mostra-lo além das dimensões usadas na planificação.

Dimensões importantes para dar conta do que Lacan lia da vida de Joyce e do que eu, como analista, posso vir a dizer de alguém que me demanda uma análise.

Com este estatuto, o nó nos permite trabalhar melhor com o espaço. Atado pelo Nome do Pai, aumenta a possibilidade de movimento que permite incluir o tempo. Não só do ato, mas do fato. E assim, o nó borromeano como uma boa ferramenta, se faz ler o tempo todo e em qualquer espaço que sustente o sujeito inscrito no coração, no buraco central da cadeia, suportado por alguém que o porta.

Então se Lacan, para sustentar a possibilidade de trabalhar com o tempo e o espaço já havia dado ao nó uma dimensão quântica, em 1976 ,(seminário de 1976-1977 , L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre), para focar o corpo do vivente nessa ferramenta, recupera os objetos de superfície que havia trabalhado desde o seminário da Identificação (1961-1962), e chega ao seminário XXIV (1976-1977).

Creio que vale lembrar que a psicanálise como uma prática singela, dá conta do que ocorre com o sujeito, e se atem a isso. E por isso sabemos que ela rigorosamente não se ocupa do in-mundo, do social, do dia a dia da pessoa ou dos fenômenos de massa. Para sustentar a psicanálise é preciso estar nessa posição subversiva e não ceder ao discurso capitalista, consumista, dito contemporâneo.

Ou seja, apesar de no rigor dos seus fundamentos a psicanálise não se ocupar disso, ela tem que dar conta do viver da pessoa que demanda uma análise. Afinal é o único meio de sustentar a transmissão da psicanálise: proporcionar um benefício a quem a busca.

Organizando essa minha intervenção, sou tomada por uma lembrança que retorna e insiste. Me lembro de um momento do meu consultório em que recebo o pedido para atender a uma garota. Por telefone a mãe me informa que sua filha estava obcecada por uma questão, que ela, que se analisava já há algum tempo, sabia que não tinha resposta, mas que, com certeza, uma análise poderia apaziguar a sua menina.

Recebi a garota, quase uma mocinha e ela iniciou sua análise movida pela tal questão para a qual precisava de uma resposta. Essa era sua demanda, pelo menos a demanda que a trazia ao consultório. Considerei como sua demanda inicial.

Bem no estilo trágico das adolescentes...para ela era uma questão de vida ou morte.

Ela me dizia, que alguém tinha que lhe ajudar a encontrar essa resposta. Que para levar a vida adiante, para a vida ter algum sentido, ela precisava saber esta resposta. E assim ela a enunciava:

*Porque para algumas pessoas a vida é tão fácil, e para outras tão difícil. Porque para algumas, as oportunidades caíam do céu enquanto que outras, como dizia sua avó, tinham que cavar a vida no fogo do inferno; porque algumas pessoas sabiam viver tranquilas e com leveza, com os cabelos sempre suavemente balançando ao vento; enquanto que outras, viviam suadas, cansadas, desgrenhadas. Porque para alguns a vida desliza numa pista de sabão, enquanto que para outros, a estrada só tem buracos, e tudo sempre fica tão pesado e tão difícil.*

No decorrer da sua análise, ela me faz saber que tinha uma irmã gêmea idêntica e *não conseguia entender como as duas sendo tão parecidas, filhas do mesmo pai e da mesma mãe, feitas com o mesmo espermatozoide e o mesmo óvulo, nascidas no mesmo dia, vivendo a mesma vida, com as mesmas oportunidades, tinham uma vida tão diferente. Era como se uma vivesse com a luz, e a outra com a escuridão. Uma fosse a lua e a outra, o sol.*

Porque era assim? Ela se perguntava o que, quem, determinava isso. Dizia que não acreditava que Deus tivesse tempo para fazer isso para cada bebê que nascesse, muito menos que o destino de cada um estivesse escrito nas estrelas. Mas não conseguia entender porque uns facilitavam a vida e outros dificultavam tanto. Porque não conseguiam mudar, não conseguiam fazer diferente.

Posso dizer que foi um lindo trabalho, com uma boa resolução. Não posso garantir que essa jovem tenha encontrado uma resposta à sua pergunta, mas como disse sua mãe, se apaziguou, passou a viver melhor, com muitas outras questões que a encaminharam a viver melhor.

A questão dela permaneceu em mim. Para apaziguar a teoria com a prática, eu me dei conta que, também eu, preciso daquela resposta.

Esse ano o Espaço Moebius se dedica a falar do Sujeito, o objeto e a letra, na psicanálise. Acrescento ao tema e especialmente para esse fórum, o como pensar esses conceitos

no trabalho com crianças, momento em que apesar de se tratar de um Sujeito constituído, ainda porta calças curtas, o que de algum modo nos coloca a responsabilidade de definir junto com ela, criança, “qual a roupa que deve vestir”, como nos pergunta a música, “para a festa para a qual foi convidado” - a festa da vida. Afinal, uma análise que acontece na infância, mesmo não tendo um enfoque preventivo, tem necessariamente consequências no futuro dessa pessoa. E os analistas que atendem crianças e adolescentes sabem o quanto são cobrados nesse sentido.

Muito já foi dito sobre o atendimento com crianças. Muito ainda me questiona. E cada vez mais, me coloco a pensar o que fazemos para além de ouvir o sofrimento de um jovem ou de uma criança; com o que nos responsabilizamos, o que sustentamos com o atendimento à criança.

Sei que se tivesse colocado no meu título, Qual letra para o sujeito, teria uma resposta rápida. Para qualquer \$ujeito encarnado em uma pessoa, e portanto também em uma criança – a letra a.

Não vou discorrer sobre essa invenção de Lacan. Ele inventou essa letra e a usou de diferentes formas ao longo de sua transmissão. De objeto do desejo, a causa do desejo, ao mais de gozar, o sujeito se escreve nessa letra, em ato.

Mas o bebê, meu queridíssimo Emílio, precisa de um tempo, para além de abrir os olhos.

Constituído desde uma falta fundamental o sujeito não escolhe. Em sendo habitado pela linguagem, causado pelo desejo do Outro, e como do desejo do Outro, nada sabe, precisa construir bordas para esse buraco. A letra, a letra a, denota esse buraco - E o faz a partir desse não sabido, do Real, do que ouve sem sentido, e que é da ordem do Simbólico, e do que vê sem enxergar, do que sente sem entender no que consiste, do Imaginário. Usa para tentar dar conta dessa missão do que dispõe, do corpo que habita. Aí deposita esse momento primordial, acéfalo, pleno de registros intensos e variados (pulsão). Um registro que o causa (lalangue) e que o faz insistir e se repetir, (gozo). Um registro que vai acompanha-lo por toda sua existência. Habitado pela linguagem e acolhido pelo desejo do Outro desde que habita um corpo, está fadado a ser humano, a dar conta desse buraco que o separa do Outro – missão impossível desde a partida, mas necessária para se fazer alguém.

A criança precisa viver essa falta, fazer muitos contornos a essa letra, precisa vive-la, para inventar seu mundo.

Minha provocação então foi ir além do sujeito, como um exercício de tentar me responder, pela minha analisante. E me perguntar como uma criança escolhe a caligrafia (me permito dizer assim) com a qual escreve a letra a partir do que causa o sujeito que a habita. Ou, como uma criança a partir dessa experiência inaugural de se fazer parir, de se separar do corpo materno, até então por ela parasitado,<sup>3</sup> constrói sua identidade,

---

<sup>3</sup> *Lacan, Jacques in L'insu que sait de l'uma bévue s'aile à mourre – Edição heReSla, (pag. 8) No útero da mulher, a criança é parasita, e tudo o indica, incluído o fato de que as coisas podem ir muito mal entre esse parasita e esse ventre.)*

para além de se identificar com a falta fundamental, com o buraco que como causa, lhe inaugura como desejante.

A criança/bebê tendo se constituído como um sujeito de linguagem e de sexo, se constrói inventando seu mundo, ou seja, inventando uma caligrafia, singularizando essa letra que o inscreve como sujeito, que o inscreve no lugar dessa falta, no lugar de a, fazendo borda a esse buraco. A letra a será para todos, porque a privação, a frustração e finalmente a castração opera no sujeito.

A caligrafia dessa escritura eu digo, será singular, será de cada um.

Nos diz Lacan no *L'insu: é isso que eu gostaria de colocar sob esse título – que foi especialmente fabricado para a ocasião – Porque está claro que a identificação é o que cristaliza em uma identidade. Aliás, essa – ficção, [ficção] é o que Freud chama de identificação*.<sup>4</sup>

Se acompanho esta proposta, entendo que o sujeito no lugar do objeto a, neste lugar do “coração do nó”, sofre efeitos diversificados de gozo.

Entendo também que os efeitos de irrupção do Real neste sujeito inscrito deste modo, ou seja, os sintomas, as manifestações no corpo, sua relação objetual e suas escolhas, terão uma leitura diferente das propostas anteriores. Digo, daquela da topologia do significante quando Lacan fala da constituição do sujeito como o que é representado de um significante para outro significante, onde uma linguagem interfere sobre o organismo, e onde a linguagem vai dar conta disto.

Um axioma que privilegia a alienação e separação, em que o sujeito é alienado pela linguagem sem decidir sobre isto e terá que fazer um movimento para se separar dela. Mas o Real que até então era compreendido como o que “não para de não se inscrever” parece inquietar Lacan na medida que de fato tomá-lo deste modo, não deixava de ser apenas um modo de se apresentar, mas sem uma consistência de ek-sistência.

Perseguindo esta consistência, e tentando dar corpo ao nó, Lacan chega à escritura nodal do sujeito se utilizando do toro e do revessamento deste, definindo a “estrutura do homem como tórica” ou hystórica. (Hystorique- neologismo de hysteria+toro+trique)<sup>5</sup>

Recorre ao Imaginário para de uma esfera, se fazer um toro (= se faire, sphère = esfera) uma ideia do Real. Mas foi preciso Lacan distinguir essas esferas, ou seja recorrer ao Simbólico, em Nome do Pai, para nomear essas esferas e em seguida reatá-las. E com isso insistir na necessidade de Simbolizar o Imaginário do Real.

Assim o sujeito se mostra corporificado. E dessa maneira também é possível mostrar o que ele vem propondo sobre o que acontece com o sujeito em uma análise. Que o sujeito inventa o inconsciente que o produz, ele se faz, da esfera ao toro. O que que lhe

---

<sup>4</sup> Lacan, Jacques in *L'insu que sait de l'uma bévue s'aile à mourre – Edição heReSIa, (pag. 5)*

<sup>5</sup> Lacan, Jacques in *L'insu que sait de l'uma bévue s'aile à mourre – Edição heReSIa, (pag 22)*

permite afirmar que em sendo assim, é possível retorificá-lo (usando das possibilidades que o toro oferece), em uma análise.

Quem utiliza a topologia para ler a psicanálise, sabe que por transformação é possível passar da esfera para o toro, do toro para garrafa de Klein, ou para o crosscap, e finalmente aí recortar uma fita de Moebius. Muitos recursos para se trabalhar, para ler e tentar dar conta, mostrando o que acontece em uma análise.

O nó borromeano, portanto, escrito com toros permite topologicamente todo tipo de transformação e cortes que a prática possa demandar, sem perder o rigor do enodamento, no coração da cadeia.

Lacan utiliza dos toros para presentificar o corpo, porque ele nos diz, *o corpo funda a ideia de uma outra espécie de espaço*<sup>6</sup> e é preciso falar de cada um deles e como cada um deles se faz presente na identificação, no que será a identidade de cada um.

Com cada toro revirado como bastão (trique) o Nome do Pai enoda borromeamente os três corpos (do Real, do Simbólico e do Imaginário), com dimensões diferentemente nomeadas.

Corpo do Imaginário – que fornece a imagem que deve ser tomada como ideal.

Corpo do Simbólico – de lalingua

Corpo do Real – que não se sabe, nos diz Lacan, como ele aparece. Mas que está aí, numa condição incorpórea, sempre presente, insistindo, se repetindo.

Talvez esse corpo do qual não se sabe muito como ele aparece, tenha a ver com a questão que Lacan coloca logo na primeira aula desse seminário, quando ele diz: *Este ano, digamos que com este l'insu que sait de l'une bevue, eu tento introduzir alguma coisa que vai mais longe, que vai mais longe que o inconsciente*<sup>7</sup>.

E continua: *Que relação há entre isso, isso que é preciso admitir, que nós temos um interior que a gente chama como pode, psiquismo, por exemplo, - vemos mesmo Freud escreveu endo, endopsiquismo; não é evidente que a psique seja endo, não é evidente que seja preciso endossar esse endo – que relação há entre este endo, este interior e o que chamamos corretamente de identificação?*<sup>8</sup>

Fica o enigma. Porque Lacan aponta o corpo, mas não nos dá uma resposta. O que será que vai mais longe do que o Inconsciente?

Para sustentar essa nova leitura, Lacan ajusta o que vinha propondo. O Real passa a ser possível, o possível a espera do que se inscreva, e a consequência desta outra formalização é não só situar esta contingência, como redimensionar as identificações que Freud, ou ele próprio falava. Se modificam para uma leitura outra, que é a de uma linguagem, lalingua, que vai incorporar o sujeito permitindo a ele se identificar com os enodamentos que estas três dimensões escrevem sobre ele, produzindo diferentes

---

<sup>6</sup> Lacan, Jacques in *L'insu que sait de l'uma bévue s'aile à mourre – Edição heReSIa, ( pag. 11)*

<sup>7</sup> Lacan, Jacques in *L'insu que sait de l'uma bévue s'aile à mourre – Edição heReSIa, (pag 4)*

<sup>8</sup> Lacan, Jacques in *L'insu que sait de l'uma bévue s'aile à mourre – Edição heReSIa, ( pag 5)*

formas de gozar, as quais ele aproxima das três identificações propostas por Freud : ao pai, por amor, da ordem do Real, ao traço, traço dito unário, da ordem do Simbólico e ao objeto, identificação histórica, da ordem do Imaginário.

A posição do sujeito é se fazer objeto e se o sujeito é uma função, vai se identificar de diferentes maneiras com diferentes versões deste objeto: e o bebê que porta no corpo esse sujeito, o acompanha: vai fantasmaticamente se inscrevendo em se fazer comer, se fazer olhar, se fazer voz, se fazer escutar, se fazer fezes, se fazer nada. Na sequência da sua existência o trabalho deste sujeito, do sujeito do desejo é se defender disto. E o da criança a medida que se identifica, a de encontrar e escolher as pedras do seu caminho, para respondendo a sua escritura fantasmática, atender a demanda do Outro, que nem mesmo existe.

Para que estas identificações a estes objetos ocorram, nos diz Lacan nesse seminário<sup>9</sup>, ele terá que enquanto Sujeito, incorporar o Real do Outro Real. A falta do Outro, na mais absoluta condição de privação e a partir daí, reconhecer a sua condição de castrado e a possibilidade de em sendo nomeado, nomear.

Lacan retoma o mito freudiano e propõe uma nova leitura. A partir desse momento implicando sempre o corpo. ... *o que se trata é de dar conta da existência, da existência nessa multidão de alguma coisa que se qualifica de "eu " (moi)*<sup>10</sup>.

Vale lembrar que numa primeira leitura a metáfora paterna determina que mediado pelo outro semelhante que acolhe a criança, o desejo da mãe deveria ser recalcado pela função Nome do Pai. Um significante tomaria seu lugar. E o sujeito aí constituído identificado com este significante vagaria erratically numa linguagem.

No seminário citado, momento que ele desenvolve a formalização de que é a linguagem, já considerando lalangue, que incorpora o sujeito, Lacan usa para sustentar esta hipótese do revessamento do toro, a partir de um esburacamento.

Ele afirma, de início, que o Toro é o objeto que funda a topologia e que se o olharmos como um tubo ou como um "bastão" ("trique"), podemos identificá-lo ao corpo do vivente. Ele afirma: "*o corpo é um toro*" e como tal, deve ser concebido com três camadas, "ecto, endo e meso", equivalentes às três estruturas que constituem o organismo, ectoderma, endoderma e mesoderma. Além disso, apresenta dois orifícios em suas extremidades, uma "boca" anterior e um buraco posterior.

Assim, o corpo e o homem passam a ter uma estrutura tórica. Até aqui, mesmo com a escritura da cadeia borromeana e toda a economia dos gozos, pode-se dizer que o corpo, de uma maneira ilusória, mantém uma predominância do imaginário.

Com esse dispositivo tórico, quando o interior se comunica com o exterior e vice-versa, mostrando em suas aberturas, um direito e um avesso, Lacan vai dar ao corpo, um

---

<sup>9</sup> Lacan, Jacques in *L'insu que sait de l'uma bévue s'aile à mourre - (1976-1977,*

<sup>10</sup> Lacan, Jacques in *L'insu que sait de l'uma bévue s'aile à mourre – Edição heReStia, (pag. 10)*



estatuto de "luva", fazendo desaparecer a prevalência de qualquer um dos registros sobre os outros dois.

Posso então dizer que num primeiro tempo de sua existência, o humano já aparece envolvido pelo grande Outro Real da linguagem. De uma maneira idealizada, através de um processo inicial de incorporação, o infans ao mesmo tempo em que recebe o leite, no ato de se alimentar, coloca pela mesma via, para o "interior", outros elementos que não têm o estatuto de uma substância, mas que podem ser olhados como "matéria": a letra, a voz, os significantes.

O Outro da pré-história do sujeito, vem se constituir nessa ocasião como uma presença real da linguagem, que se presentifica através de suas insígnias .

Essa relação original com o Outro real da linguagem vai desencadear uma Identificação Primária, fundando uma operação constituinte para o sujeito. Freud chega mesmo a identificá-la como uma incorporação (*Einverleibung*) hereditária. Lacan vai mostrá-la a partir dessa operação topológica nomeada de revessamento do Toro.

Essa operação que vai permitir ao sujeito se identificar ao Real do Outro real da linguagem, corresponde ao que Lacan nomeou de *Identificação Primária*. É um momento lógico inaugural, quando o animal humano ganha sua condição de sujeito e adquire a condição culposa como vivente, da dor da existência.

Alguma coisa, portanto, que falta em seu lugar, no Real, somente através do Simbólico é que pode ser determinado. Isso define o sujeito como uma resposta do Real, inaugurando-se na própria operação do significante, pelo seu efeito de corte.

A marca que testemunha essa operação, servirá de suporte ao traço unário, ao ideal do eu e às identificações secundárias que deverão advir e permitir que o bebê se reconheça em uma criança.

Essa operação inicial, portanto, vai permitir ao sujeito, de se repetir como um UM, e embora se possa pensar que estas identificações são realizadas a partir de um tempo cronológico, talvez seja necessário afirmar, que só depois que ocorra a Identificação histórica, quando o sujeito se identifica como objeto em relação ao desejo do Outro, com um estatuto de vivente, é que se pode ter confirmado a eficácia da Identificação Primária.

Eis o tempo que a criança precisa para que encontre sua singularidade. Desde uma letra que o inscreve como sujeito, possa se falar da sua história, lendo nela a sua caligrafia.

Porque o sujeito numa condição lógica, mas, sobretudo, topológica é envolvido desde cedo pelo Outro Real da linguagem. E embora não se trate de uma questão diretamente relacionada ao infans, ressoa no bebê. Esta função sujeito só terá uma ex-sistência quando sustentado por um corpo, mesmo que esteja na linguagem desde sempre.

Entendo que Lacan diz que a incorporação é um efeito da função paterna, do Nome-do-Pai, mantendo uma implicação com uma Verwerfung radical e uma bejahung primordial.

Na primeira operação o sujeito passará a obedecer a uma operação definida pela própria estrutura da linguagem. *Lalíngua* é a própria estrutura que vem fundar a Lei através de uma operação lógica. Um tipo de foraclusão radical que vem produzir efeitos sobre o sujeito, interditando qualquer relação direta e natural com o objeto. Uma condição que vai se tornar responsável para produzir em ato, quando o sujeito puder tomar a palavra, *a realidade do inconsciente*.

Na operação de incorporação, o que está para se consumir é da ordem do ser do Outro Real de *lalíngua*, do Nome-do-Pai, da forma pela qual se resume o ser do corpo.

E já nos dizia Lacan desde o seminário sobre problemas cruciais: *O que se nutre no corpo é aquilo que se apresenta como mais inapreensível dele, o que remete sempre a uma essência ausente do corpo.*<sup>11</sup>

Ao mesmo tempo, também é lançado numa outra vertente, a do gozo, que o coloca regulado por um princípio além do prazer. Preso numa rede de letras e significantes onde vai estar sempre se repetindo, submetido e regulado pelo Nome do Pai, *père-versamente* orientado, onde pode encontrar satisfação em seus sintomas e se acomodar, se apaziguar com seus sofrimentos.

Mundo inventado, pedras escolhidas, resta traçar o caminho. De buracos revestidos com o fogo do inferno ou de buracos revestidos de pedrinhas de brilhantes.

Para finalizar, lembro que há algum tempo atrás, para atender a um convite para apresentar um trabalho sobre uma leitura psicanalítica da marca identificatória da antropofagia, na cultura, e no povo brasileiro, me encontrei com o seminário XXIV de Lacan. Não foi só um primeiro encontro porque desde então nos perseguimos. Para mim ainda é um enigma. Ao mesmo tempo que o considero como uma resposta possível de ler o vivente, em outros, ainda me parece uma esfinge a ser decifrada.

Desde o título – *L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre* - intraduzível, mas que permite tentativas: desde *o não sabido que se sabe de um equívoco se eleva a adivinhação*, ao *O insucesso do inconsciente é o amor*.

Fico com a segunda tradução. O Insucesso é necessário. Lacan vai nos repetir ao longo do seminário. Diante dessa não proporção sexual, nos restam *as paixões do ser* - o amor e o ódio que o analisante usa para se defender do horror do Real, ignorante que é da sua estrutura. Desse modo está fadado ao fracasso. Preso no sexo, fadado ao insucesso.

---

<sup>11</sup> Lacan, Jacques – Seminário XII – 1964 – 1965 (Problemas cruciais para a psicanálise).

Não importa a tradução e sim que restam questões cruciais. O que será mesmo que Lacan quer nos dizer, quando afirma que, *com este Insucesso do inconsciente, tenta introduzir alguma coisa que vai mais longe, mais longe que o inconsciente.*<sup>12</sup>

Insisto em pensar que tem a ver com o corpo. Ao mais inapreensível dele, o que remete sempre a uma condição incorpórea, a uma essência ausente. Um corpo que promove efeitos, mas que é inapreensível.

Afinal, o que opera na criança desde o momento que o bebê abre os olhos e insiste, insiste, insiste, até poder usar da fala e tentar dizer em uma análise, do mundo que ele inventou?

Me permiti começar com a poesia de Emilio Rodrigué, vou terminar tentando ainda poetar. Porque seguindo Lacan, além do que podemos ouvir, cortar, costurar, retorificar e tentar mostrar ... ousou concluir que, como nos diz Fernando Pessoa,

*Na alma ninguém manda...  
Ela simplesmente fica onde se encanta.*

Em Jaguaribe,  
Salvador BA,  
julho de 2021

---

<sup>12</sup> *Lacan, Jacques in L'insu que sait de l'uma bévue s'aile à mourre – Edição heReStia, (pag 4)*